



Director literario:

António Figueiredo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Luís Collaço
PAPUSSE

O AMADOR DA T. S. F.

POR LIDIA RODRIGUES LOURENÇO



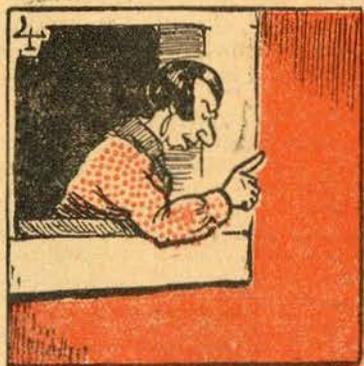
Zé António Figueiredo,
(que era um pouco bolchevista)
Tinha por íntimo credo,
Ser um grande sem-filista.



Tudo é feio e lhe aborrece,
Massador, sensaborão,
Amam só a T. S. F.
(Ele e o amigo João).



Noutro dia, na cartinha
Que mandara à sua amada,
Escrevera: — «Eusebiazinha
T. S. F.»... e mais nada.



A noite quando apar'ceu,
Pregunta-lhe ela ao postigo:
«Que é que você escreveu?
Ou esteve a trocar comigo?»



«Só pensa em telefonia,
Agora é que eu percebi,
Pois na carta até trazia
T. S. F. no fim...»



Ele então com voz tremida,
Diz à noiva num segredo
«Eu dizia minha qu'rida,
T. eu Saudoso F.igueiredo.»

FLÔR DE LÓTUS

Por ADELAIDE V. FRAGOSO

DESENHOS DE TIOTÓNIO

(A' minha prima Ema)



noite. A pálida claridade do luar, vê-se sentada, junto a um lago, uma chinezinha. Pelas suas faces rolam lágrimas ardentes. Grande devia ser a sua dôr, pois nem reparava na doce poesia que a rodeava. Um cisne, branco como a neve, vogava nas águas cristalinas do lago. Um pouco mais longe um palácio todo iluminado. Pelas janelas abertas, percebia-se que havia luzes e flôres lá dentro. Dançavam.

Que teria aquela filha do Celeste Imperio, para assim chorar tanto que até quasi comovia as pedras?

O que a faria ficar insensível aos festejos que se realizavam no seu palácio? E' o que adiante vamos vêr.

Primeiramente vou fazer o seu retrato.

Era uma mulher encantadora. A sua côr era mais branca do que amarela. Com uns lindos olhos um pouco inclinados para as fontes, os cabelos adornados com flôres de pecegoiro, prêsas por alfinetes de esmeraldas. Os dentes pareciam uma fileira de pequenas pérolas.

Era o retrato da princeza Flôr de Lótus, filha dos imperadores da China. Vestia um quimono de sêda bordado com flôres e aves.

A causa do seu desgosto é saber que o pai a quer casar, dentro de pouco tempo, com um príncipe por quem não sente amôr.

Como fazia anos naquele dia, organizaram-se festejos em sua honra, mas a pobre Flôr de Lótus não se animava com tanta alegria.

Iludindo os companheiros, fugira para aquele recanto do jardim. Ali, estava certa, gozaria mais do que nas salas resplandescientes de luzes e flôres e onde ninguem se importava com a sua dôr.

— Porque choras, Flôr de Lótus? mormurou-lhe aos ouvidos uma voz maviosa.

Assustada, levantou-se e viu junto de si uma joven muito formosa, vestindo uma túnica branca que lhe caía até aos pés e rodeada por intensa claridade. Trazia na mão um coração atravessado por uma seta de prata.

— Quem sois visão sublime?

— Sou a fada do Amôr. Comovida com a tua dôr, desci do meu reino misterioso e vim para te animar. Talvez tudo tenha remedio e é preciso não desanimar. Queres que eu te ensine um meio de não casares com o homem que teu pai te destinou para esposo?

— Oh! sim.

— Ouve, então: — Muito longe daqui, mas também na China, viviam há bastantes anos os reis do reino das Flôres. Eram poderosos e bons. Portanto, amados pelo povo que os abençoava. Possuam um filho, um coraçãozinho de ouro, tão bondoso como os pais. Nada se opunha à sua felicidade.

Um primo dos soberanos, que era rei também, mas muito máu, invejou a sorte daqueles e começou a pensar na maneira de destruir toda a sua felicidade. Foi ter com um feiticeiro a quem contou as suas apreensões. O feiticeiro prometeu fazer desaparecer os pobres soberanos e em breve os encantou assim como a todos os habitantes da cidade.

O rei invejoso não contente em mandar encantar os primos, quiz que o feiticeiro encantasse também o filhinho, o príncipe Tim. Ordenou que o levassem para longe da cidade. Vais-te admirar, continuou a fada do Amôr, se eu te disser que êsse príncipe é o cisne que voga neste lago. Se o visses na sua verdadeira fórma, tenho a certeza que gostarias dêle. E' muito formoso e virtuoso. Sei a maneira de o livrar do encantamento em que está. Se fôres capaz de cumprir à risca o que te vou ensinar, salva-lo-ás e aos reis seus pais, mas se, pelo contrário, fraquejares ficarão condenados a estar eternamente encantados.

— Estou pronta para tudo replicou a princesa.

— Para os desencantares é preciso vires a êste logar à meia-noite e trazes uma faca. Esconde-te atrás duma árvore e, vejas o que vires, não fujas com medo, pois se te faltai a coragem tudo estará perdido para sempre. Ninguem te fará mal. Ao dar a meia-hora, logo depois da meia-noite, sairás, do teu esconderijo e cortarás o pescoço ao cisne...

— Não, isso não, nunca farei essa barbaridade, gritou Flôr de Lótus.

— Mas assim é preciso, continuou a fada. Ao acabares de degolar o cisne, acabará o encantamento e podes ir para o teu palácio onde eu te esperarei. Adeus, Flôr de Lótus. Deus queira que sejas feliz. E, dito isto, a fada desapareceu como uma nuvem.

A princesa ficou pensativa e abstracta.

O Zéfiro ligeiro que passou, despertou-a do seu sonho de amôr. Lembrando-se que era tarde, seguiu para o palácio, onde andavam todos à procura dela. Os imperadores estavam inquietos pela sua demora, mas, ao vê-la chegar sã e salva, socegeram.

Na noite do dia seguinte, um vulto saía secretamente do palácio imperial. Era Flôr de Lótus que se encaminhava para o lago. Escondeu-se e esperou pela hora que a fada lhe dissera.

Ao dar a meia-noite, apareceram fórmas brancas que começaram uma dança diabólica. Depois, appareceu um dragão. Mas o cisne parecia que nem os via. Saiu da água e conservou-se imóvel.

Então, o dragão começou a deitar chamas pela bôca e pelos olhos e os fantasmas gritavam que era um horror.

Onviu-se meia hora no relógio. Flôr de Lótus conquanto tremêsse de medo, saiu do esconderijo, encaminhando-se para o cisne, mas... hesitou.

O dragão ia lançar-se sobre ela. Então, fechando os olhos, com um golpe certo degolou o cisne.

Tudo desapareceu. A princesa voltou para o palácio. Ao entrar no quarto, appareceu-lhe a fada do amôr que lhe disse:

— Vem comigo, Flôr de Lótus. Vamos ao palácio dos reis que salvas-te. Lá apresentar-te-ei o príncipe Tim que



será o teu noivo. E a fada pegando na princesa partiu pelos ares num cavalo com ázas.

Já se prepara tudo para grandes festejos na cidade de D... A princesa Flôr de Lótus vai unir a sua vida à do príncipe Tim. Tem por madrinha a fada do Amor, Hão-de ser felizes, porque são bondosos. O rei invejoso rebentou de raiva ao saber a felicidade dos primos. Quanto ao príncipe que queriam casar com Flôr de Lótus, conformou-se com a sua sorte, porque também era bom e tinha dó da

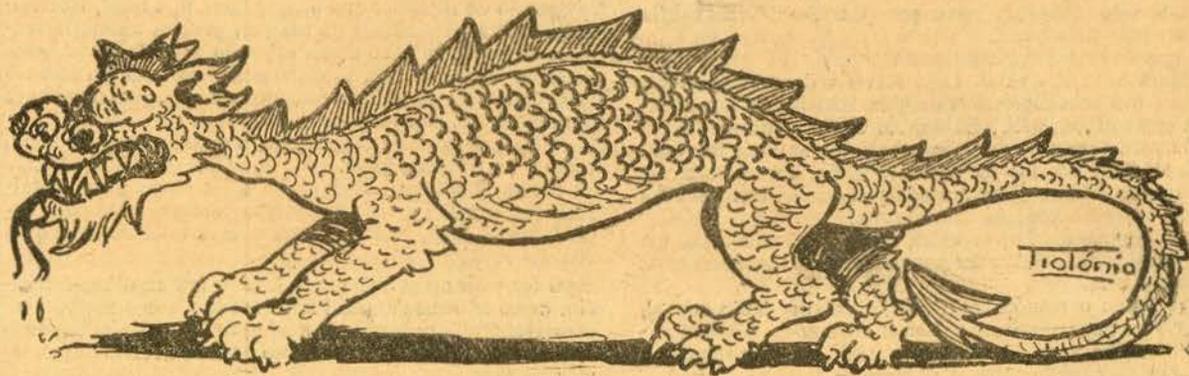
princesa. Não se zangou por ela ter preferido Tim. Sabia que o cofação não vai para onde o mandam.

E nada mais tenho a acrescentar a esta história criada pela minha fantasia.

Vitória, Vitória
Acabou-se a história!



PARA OS MENINOS COLORIREM





A guerra dos leões contra os mosquitos

Por Antonio dos Santos Couto
::: Desenhos de Tiotónio ::::



UM belo dia de verão, sol diamantino dourando a floresta interminável, a D. Leão, rei dos animais, tendo por séquito a escol dos seus mais vistosos e aguerridos semelhantes, apeteceu dar um longo passeio pelos seus vastos e inexpugnáveis domínios.

Ei-los aí vão: leões, tigres, panteras, etc., avançando flamejantes e impávidos, acordando com as suas vozes retumbantes

todos os recantos da floresta, afugentando os pequenos quadrúpedes que, aterrorizados, se dispersam, desordenadamente, em todos os sentidos, e os mimosos emplumados que, arrepiados, esvoaçam loucamente em demanda de mais sossegadas paragens.

Chegados a determinado local, onde se defrontava um pequeno arbusto, Sua Magestade deteve-se. Todo o séquito o imitou, algo intrigado, pois a paragem fóra deveras súbita para ser julgada natural.

O que deteria Sua Magestade?!

Algum animal, que D. Leão sorveria dum trago? Mas, D. Leão, nas suas digressões de gala, não ligava importância a essas ninharias... Então?!... Todo o séquito se aproximou para ver ou ouvir. Nêsse tempo os animais falavam.

E ali, num recanto da floresta, tendo por testemunhas tão somente felinos de requintada ferocidade, travou-se um diálogo singular, inédito, assombroso!

Sua Magestade fitava, entre curioso e zombeteiro, um alvo, quási invisível, um ser pequenissimo, pousado na haste de uma planta.

Ageitando o monóculo, (D. Leão era um tanto miope), curvou-se, mirou, remirou, voltou a afirmar-se, e, em seguida, soltou uma feroz e estrepitosa gargalhada, que retumbou como tiro de canhão sobre o silêncio da floresta.

E o ser quási invisível, microscópico, não se arredou, nem pareceu tremer!

Iludido, escarninho, D. Leão falou, dirigindo-se ao pequeno ser, numa voz branda, para o não assustar:

—Quem és tu, ente vil, que nome te puzeram, que te atreves a embargar a passagem da mais alta personalidade dos bosques?

Eu sou—ouve!—eu sou o leão, o rei! Por onde passo, todos os animais, sem excepção do homem, se curvam humildes ante a minha força!

E o pequeno animal, quêdo e silencioso, ficou como se estivesse ouvindo o pipilar de uma ávesinha.

Chega na verdade a parecer impossivel—prossegiu Sua Magestade, voltando-se vaidoso para os do séquito,—que a Natureza crie seres tão inferiores, tão mesquinhos que, para os distinguir, seja necessaria a agudesa de uma vista apurada, superior, como a do vosso rei!

Toda a assistência aprovou, num grunhido cortezão.

O ser inferior ensaiou um pequeno voo; mas, com grande admiração de D. Leão, que o imaginava já a fugir, aterrorizado, ante a imponência da sua voz, pousou, tranquilamente, mais perto, ao cimo duma haste do arbusto, quási cerce à orelha direita do Rei. E, docemente, sem receios, sem cólera, ciciou-lhe pausadamente, numa vósita que semelhava um murmúrio, como resposta, o seguinte:

—Eu sou um mísero mosquito, o mais ínfimo dos seres, como a tua vaidade julga.

Porém, não invejo o teu garbo, a tua fôrça, a tua magnificência, emfim; a voz atrodoadora com que pretendes ensurdecer-me, tem, vê lá tu! para mim, o valor do chiar dum simples rato!

O teu poder, em que reside todo o teu orgulho, é fictício, como te demonstrarei! Microscópico, como me vês, inofensivo, tenho uma missão a cumprir; e se, isolado, pouco valho, tenho grande merecimento quando acompanhado de meus irmãos,



Não me amedronta, pois, a tua ira, nem a tua astúcia! E poderei provar-to, vaidoso animal!

A Magestade transmitiu aos do séquito os zumbidos do vil animalzinho e uma gargalhada geral, formidável, irrompeu. Todo o séquito, contagiado, riu, riu, até chorar!

E o caso não era para menos!

Um ser quasi imperceptível, que só a vista de D. Leão, apurada e perspicaz, conseguira descobrir, atrever-se a retorquir tão atrevidamente ao rei dos animais que, com uma simples patada, poderia desfazer não só aquele, como centenas de mosquitos, era bravata inconcebível!

Quando terminou a hilaridade, D. Leão, ainda com os olhos rasos d'água, procurou o monóculo que lhe caíra, agitou-o e assestou-o sobre o mísero.

Pois lá estava, imóvel e socegado!

D. Leão, senhor da sua força, pausadamente, tentando convencê-lo da verdadeira razão, invectivou-o:

— Ignoras, porventura, ínfimo ser, insignificante zero, quem é o leão, o rei dos animais!?

Sabes que a minha voz, potente e terrível, basta para fazer tremer, arripiar, todos os seres da floresta no mais recondito dos seus antros?

O homem, o primeiro animal pela inteligência, ainda mesmo armado, receia a minha presença e foge espavorido se lhe apareço de improviso!

E pretendes tu, mesquinho, miserável ser, defrontar, já não digo a minha ferocidade, mas simplesmente a minha augusta presença?!

Mas a mesma voz, ciciada sem um tremor, retorquiu a D. Leão, pesando sempre bem as palavras:

— Eu sei, animal arrogante; sei perfeitamente que todos os animais, inclusivé o homem, receiam e fogem da tua presença... Não ignoro que possues uma energia, uma ferocidade incomparáveis e que, com um simples agitar da tua cauda, podes esmagar seres de maior vulto, quanto mais a débil carcassa que me reveste!

Mas ignoras, vaidoso incorrigível; que a união faz a força e que, se isolado, sou um zero como me consideras, unido a meus irmãos representamos uma força que não receia medir-se com a vossa. E é em nome dessa força — da nossa força — entendes? — que eu te emprazo a um próximo encontro que te tirará as cataratas, rei dos leões, imperador dos pedantes! E, proferido este desafio, esta insólita provocação, disteriu, subtil e airoso, um leve vôo e desapareceu na espessura da folhagem. D. Leão fez um gesto para avan-

çar, ameaçador; mas, envergonhado, parou no mesmo instante.

Abanou a soberba juba em atitude desdenhosa, atrou a floresta com um novo urro formidável e, seguido do brilhante séquito, prosseguiu muito tranquilamente o passeio interrompido.

Decorreram semanas. Não mais Sua Magestade recordou a conversação com o modesto insecto, incidente a que não ligara a mínima importância, seja dito em abono da verdade. O que mais o preocupava e entusiasmava na ocasião, era a parada anual que em breve se realizaria e para a qual tinha apazado, sem excepção, todos os animais ferozes da sua categoria.

E aí daquele que faltasse à chamada!

Sua Magestade era rigoroso, prezava muito a sua dignidade e sabia bem que tinha sido eleito sem discordância de opiniões por ser, não só o mais digno, como o mais zeloso e valente dos seus congéneres e castigaria inexoravelmente quem faltasse ao seu dever. Haviam sido prevenidos com a devida antecipação para que não houvesse falhas, pois Sua Magestade deliberára imprimir nesse ano á parada uma imponência nunca admirada. Chegou, enfim, o grande, o solene dia!

A próxima floresta, onde em breve se realizaria a magnificente revista, regorgitava de felinos que atroavam os ares com grunhidos repletos de alegria.

Magestosos leões, soberbos e ferocísimos tigres, ardilosas panteras, etc. etc., passavam a todo o momento sob a vista severa e imponente de El-Rei D. Leão que, magestosamente, se dignava curvar a orgulhosa juba, cumprimentando.

E o desfile durou assim horas, parecendo não ter termo. Seriam milhares, dezenas de milhar? Quem os poderia contar?!

O que não oferece dúvida é que o conjunto de tão soberbos animais, as suas côres variegadas, prometia a realização duma coisa algo espantosa, desigual e inovidável.

Sua Magestade, na aparência impassível mas intimamente comovido, assistia dum mirante do seu antro ao imponente espectáculo. Quando julgou ser ocasião propícia meteu-se com o seu brilhante séquito por entre as alas res-

(Continua na pág. 7)

Subida de posto

por

Maria Carolina Possolo de Carvalho

Desenhos de Tiotônio



O regimento garboso
Lá vai pela estrada fora,
Com um ar vitorioso!

Os cavalos são de cana,
As espadas são de lata,
Chapeu de papel, armados,
De bicos à diplomata.

O comandante, pequeno,
Do valente batalhão,
De olhar leal e sereno,
E' o risonho João,
Que mora no Val'da Mó,
Numa casa solarenga
Em companhia da Avó.

Um outro, chamado António,
E' que faz de capitão;
Arma em valente, o demónio,
E tem um ar refilão;
Com orgulho e com desdem,
Trata mal a toda a gente,
Não tem respeito a ninguém.



.....
.....
Nisto um borborinho além
Rebôa no fim da estrada;
Não se distingue ninguém!
Só se vê a garotada
A dar palmas de alegria
E um garotinho a gritar:
—«Ai, meu Deus, o que seria?!...»

—Uma coisa de espantar!...
Foi Antonio — o refilão —
Que não quiz deixar entrar
Também para o batalhão,
O Zé Moleiro, coitado,
Que mora no Casal Novo
E que qu'ria ser soldado!

O João, que está ao lado,
Não se póde então conter,
Ao ver nm tal desalmado
No pobre Zé a bater;
E' num gesto muito nobre,
Ao António se deitou,
Defendendo o rapaz pobre.

.....
.....
Antoninho já não é
Capitão do regimento;
O comandante é o Zé
E, desde aquele momento,
General é o João,
A quem os soldados amam
De todo o seu coração.



Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO

1.º Concurso de Desenho Infantil - Condições

Cingindo-se ás lições dos numeros anteriores, todos podem tomar parte no concurso que hoje se inicia.

Consta ele do seguinte:

1.º — Num papel branco, sem linhas, desenhar-se-há a TINTA DA CHINA um ou mais modelos dos que se tem publicado, (do natural) sós ou em conjunto.

Exemplo dos modelos em conjunto — Uma mesa posta para chá, com chavena, bule e um prato com bolos, etc.; para pequeno almoço com cafeteira de cacau e leite, etc.; uma mesa de café com assucareiro de metal e tudo quando queiram só com um ou vários objectos, dispostos de maneira artistica.

Para desenhar a tinta da China, faz-se primeiramente um esboço a lápis, que se cobre a tinta, com pincel fino ou á pena.

É conveniente que, por enquanto, não deem sombras nem cor apresentando apenas as linhas gerais.

2.º — Os trabalhos mais interessantes serão publicados, com o retrato do autor ou autora e a devida apreciação, tendo em vista a idade do concorrente.

3.º — Todos os trabalhos deverão trazer bem nitido o nome, morada e idade do autor, sem o que não serão classificados.

4.º — Deverão ser enviados até ao fim do corrente mês, para a morada que abaixo damos.

5.º — Para a devolução dos retratos ou dos trabalhos que enviarem, devem faze-los acompanhar de um envelope, devidamente endereçado e estampilhado.

Mãos á obra e não desanimem.

TIO TÓNIO

1.º CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Guerra dos leões contra os mosquitos

(Continuado da pág. 5)

peitosas e disciplinadas dos seus congéneres e foi tomar a vanguarda.

Chegado ao seu pósto deu as suas ordens e, em seguida, todo o poderoso exército felino se pôs em marcha, derrubando plantas e arbustos, fazendo tremer a terra com o seu péso, em direcção á parte mais espaçosa da floresta, onde a grande revista ia ter lugar.

Sua Magestade, impávido, vaidoso, caminhava, como dissemos, na vanguarda, cujo lugar por direito lhe pertencia.

Depois de eleito era a primeira vez que dirigia uma parada e envidaria todos os seus esforços para ultrapassar seus antecessores.

Alguns metros avante do poderoso exército, caminhava Sua Magestade, soberbo, tão deslembado de tudo, que não se deteria nem ante a boca dum canhão!

E já a sua pata, impiedosa e terrível, ia esmagar um pequeno arbusto que lhe estorvava o caminho, quando uma pequena recordação lhe atravessou o cérebro...

Fôra ali, ante aquele pequeno arbusto, que a sua arrogância sofrera um cheque! A sua voz dominadora chegara a ser comparada ao chiar dum rato!

Sorriu desdenhosamente mas, singular coincidência, no mesmo instante, como correspondendo ao seu sorriso, uma voz debil, melodiosa, lhe zumbiu ao ouvido.

Sua Magestade parou.

Todo o exército, como travado por força invencível, se deteve também.

E a mesma vósinha de há semanas, a que tivera a ousadia de lhe esmagar o orgulho — a do mosquito, soou dumã forma desagradavel, irónica, ao ouvido de Sua Magestade:

— Soou a hora, emfim! há bastante tempo por mim esperada!

Eu sou um mosquito, um vil insecto, um ser infinitamente pequeno comparado com a vossa robustez; tão pe-

queno mesmo que não consegues descortinar-me, apesar de estar bem perto dos teus olhos...

Lembra-te que insultaste em mim a minha raça e um mosquito, apesar de ser um ente infimo como o denominaste, também tem a sua dignidade!

E! pois a minha dignidade, a dignidade de todos os meus irmãos ofendida, que vai responder á tua e á vossa soberba!

Transmite ao teu exército que o vil insecto o vai atacar! Tu és o rei dos leões; pois bem: eu sou o rei dos mosquitos!

Sua Magestade, boquiaberto, maravilhado ante tanta audácia, pensou em calar-se, prosseguir o seu caminho. Mas não! Nada de responsabilidades... E em voz altissonante, terrível, transmitiu ao exército a ridícula provocação, que percorreu, célere como um raio, as densas fileiras dos ferozes combatentes!

Ao pasmo succedeu a indignação. Pois quê! Um ridículo insecto, atrever-se-hia a medir-se com tão rijos combatentes?!

Mas não houve tempo para exteriorisações...

Uma nuvem negra, tão espessa que cobria os ares, avançava ao longe...

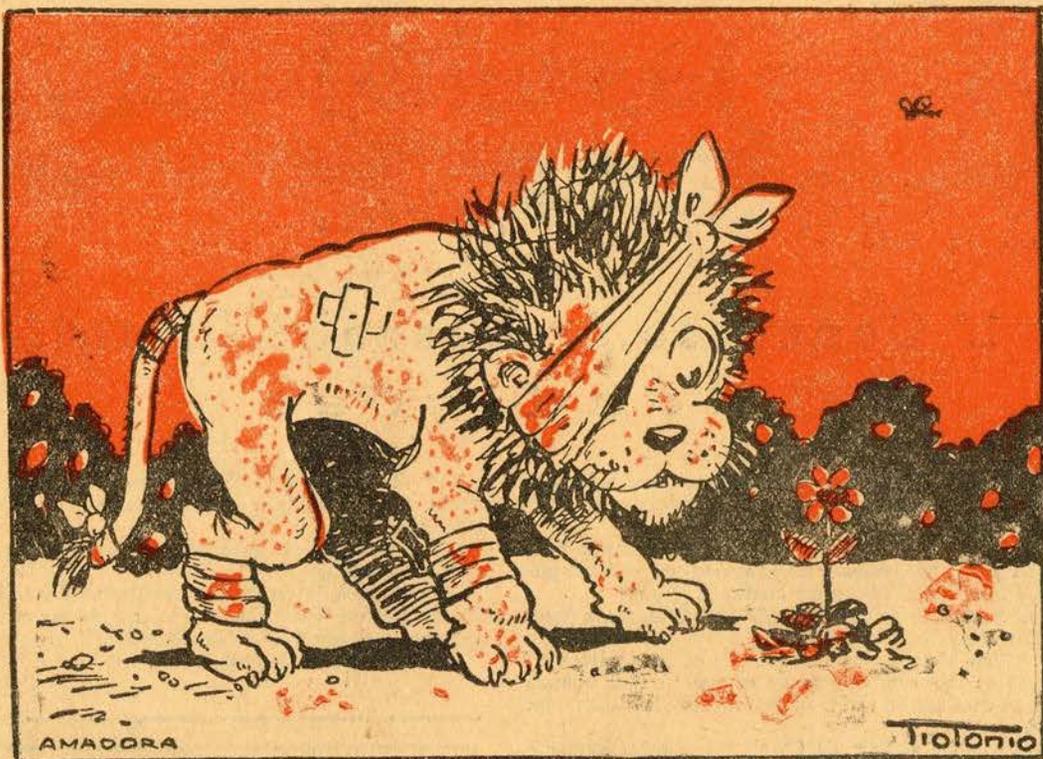
Avançou, aproximou-se, baixou, dispersou e começou a atacar.

A principio, semi-amedrontada, indecisa, a mole leonina não sabia como atacar, pois não lobrigava nitidamente o inimigo. Mas as ordens não admitiam discussão e Sua Magestade dava-as sêcas, rápidas, como hábil general.

E a batalha cruenta, sem quartel, teve o seu inicio!

No primeiro ímpeto, milhares e milhares de insectos foram esfacelados, reduzidos a nada pelas garras dos seus ferozes contendores que os sacudiam das partes atacadas. Em compensação muitos felinos urravam de dôr, pois os

(Continua na pág. 8)



insectos, infiltrando-se nos olhos, quási os cegavam. A névem negra, porém, quási se desfizera e só alguns, raros mosquitos, atacavam ainda com furor.

Já o exército leonino, refeito da surpresa, alinhava as desordenadas hostes para prosseguir a marcha sôb a suprema direcção de Sua Magestade que bem demonstrára no curto combate a perícia de que era dotado quando, — ó Céus! — o horizonte se obscurece de novo e uma névem mais densa, mais terrível, avança ameaçadôra!

Era um reforço! mas que reforço!

Avançou, redoppiou, pareceu farejar e desceu como um raio, impetuosamente, louco de furia, qual bando sinistro de abutres sôb o desprecavido inimigo...

E ao longe, uns após outros, avançavam à distância de muitos quilómetros, novas multidões, que se vinham agregar aos segundos... E após êsses, ininterruptamente, matematicamente, novas avalanches corriam pressurosas em reforço...

Eram tão vastas, tão espessas, que, numa circunferência de dezenas de quilómetros, o Astro-Rei não conseguia coar seus raios!

Durou o incomparavel prélio duas escassas horas.

E, decorridas essas duas horas, qual a posição de tantos milhares de bravos leões, de impetuosos tigres, de terríveis panteras?!

Completamente atordoados, acossados por todos os lados, mordidos com fúria, cegos, sem respiração, com a bôca, olhos, ouvidos e ventas atulhadas de mosquitos, ei-los em debandada, fugindo em todas as direcções, atropelando-se furiosamente na ância da fuga, impotentes ante a impossibilidade de lutar com um inimigo que êles mal enxergavam, que os picava, zumbidor, redobrando de furia e aumentando de instante a instante!

Ficou, pois, completamente derrotado o exército felino e foi-se para sempre a maravilhosa parada que tanto ensoberbecia D. Leão.

Horas decorridas, não existia única fera na vasta planície, e o vil insecto—como lhe chamara o rei dos leões—depois de procurar, rebuscar e sem encontrar a quem aguilhoar, levantára vôo, regressara traquillamente ao ponto da partida, Deus sabe aonde!

Sua Magestade, que não fôra dos ultimos a regressar ao seu antro, depois de lambido cariciosamente pela terna esposa, permanecera longas horas sorumbático, meditando apreensivamente nas consequências da derrota.

No dia seguinte, depois de farejar, espreitar cuidadosamente as paragens, como medida de precaução, não fosse o diabo tecê-las! D. Leão atreveu-se a sair num curto passeio, seguido da cuidadosa e vigilante consorte, hão se desse alguma desagradavel coincidência...

Mas, mal enxergava um pequeno arbusto, parava, farejava e, fazendo o preciso rodeio, proseguia vagarosamente, cautelosamente, o interrompido passeio.

Se ouvia, porém, um ronronar irónico da digna consorte, Sua Magestade desculpava-se, limitando-se a grunhir, de olhos fitos no sólo:

—A prudência é a irmã da virtude!...

Nunca mais houve, que eu saiba, guerra entre a raça felina e o mosquito.

Assim como os homens se não medem aos palmos—segundo o popularissimo rifão—os mosquitos não se medem aos metros.

Ficou-o sabendo, por experiência, o rei dos leões!

F I M